

Agradeço:

Ao Todo-Poderoso Eu Sou

À Guida, *minha religião.*

Aos meus pais

Sr. Pedro Júlio e Sr.^a D. Maria de Fátima P. M. da Silva.

Deram tudo de si

para que eu pudesse entender

tudo o que se diz em português.

Ao Tomé Dias Jr.

Ao Manuel Pereira de Sousa “Grilo”

Ao Emanuel Ribas

Ao Hélder

Meus primeiros críticos

eles viram nascer

e ajudaram a crescer estes versos.

Ao poeta de *Divengle*

Domingos dos Santos Fortuna “Loyola”

De repente minha inspiração

se tornou poética

e minha declamação retratou

o sentimento da poesia.

Ao Sr. Dr. Geny Neto

Há sopros que são para apagar

a chama bruxuleante de um candeeiro

Há sopros que são para atear

uma fogueira que retarda preguiçosa

o seu sopro é de si

uma labareda.

DEDICO

Aos meus amigos
E aos meus amores de Kanga

À Zamba e à Lú
À Mamy e à Mana
À Sonya
Também
Ao Katoco e ao Pepé
Ao Milton e ao Duducho
Ao Ivo e ao Zequinhas
Também
À Núbia e à Piki
E ao Yayá.

Meus filhos

ECOTIPO

Preciso adaptar-me

A este sol
Nesta terra sem lençol
Sob esta brasa
Nesta estação sem brisa

A esta fome
Na seca que nos consome
Sob este frio
De animais sem cio
A este cantinho
Das aves do caminho
Ao dia-a-dia
Desta doce sintonia

Preciso adaptar-me

Lado a lado com o povo
A vencer a força do corvo
Mostrando toda a coragem
E dar força à barragem.

KAXICANE

Ao sabor da brisa
Sob a sinfonia das palmeiras
Enquanto descansam e cantam
Os homens são alginosas.

AGRÁRIO KANGOLENSE

Solo, arado, enxada
Harmonia, sol
Gestos, prazeres, entrada
Humidade de um lençol

Força, amor, suor
Satisfeita nossa necessidade
Ervas sachadas com furor
Esperança de vida na cidade

Tubérculo , gramínea dá calor
Cura mito da raiz cortada
Noite e madrugada d'amor
Fruto da nossa esperança plantada.

Novembro / 1981

INTRANSIGÊNCIA

Nas horas de amargura
Quando os laços se desfazem
A ponte ameaçadoramente balança
E o abismo nos espera

Intransigência
Intransigentemente negar.

Nas horas da largada
Quando os braços se erguem
no evo dos adeuses
e a mordacidade nos abraça
resistir e negar
rotundamente não aceitar.

Negar e fugir
Das impurezas desse coração.
Alimento-me deste ar chamuscado
De odores pútridos
Mas nego a existência hipócrita
Desse amor minha vida.

Nos momentos satíricos
Com os corações em ignição
Engendrados na vontade de crescer
Cerrar o punho e exigir
Justiça

Não vale evasivas
Cerrar os punhos e trilhar mais agora
Mãos nas mãos, olhos nos olhos
Com o amor em nossas orações
E a vontade de crescer.

1982

FIRMEZA

Não vergarei
Ante vocês
Humilhar-me aos vossos pés
Regozizar-me com os vossos restos

Dois mundos existem
Neste mundo
Onde há sol, farturas
Obras-primas, computadores
Alheio
O meu é o último
Onde há mão-de-obra
Fome, matérias-primas
Chaminés de alumínio
Atraso

Não esperarei que vossos sorrisos
Venham contemplar minhas súplicas
Eu não suplico

Tudo o que tenho é meu
Vem de Mfumu Ntiti e Mandume
Vem de Muatinvu e Kanini
Não implorarei pedaços a ninguém
Arrancá-los-ei mais firme
Do que mos violam

Não me vergarei
Sob os vossos pés

É meu o vigor do meu passo
Marcharei adiante
Até ver o meu povo a sorrir.

Ibêndua – Novembro / 1987

NOSSA ÁFRICA

Se a ti comer e andar
Provoca congestão
A mim comer e andar
tem muito prazer a dar
engordar face burguesa
burguesa maple veluda
distraída, exploradora,

Estou no meio
dos que para existir
comem qualquer coisa
mais até para resistir.

Estou com eles
Em cada ai, cada sílaba
dos slogans dos seus falares
em cada cicatriz nas suas peles.

Nas suas lágrimas-suores
Nas quentes minas Roben Island
Nas celas, na labuta
Lutar para que esta seja
a África nossa e de todos nós.

Junho / 1987

POEMA DA FOME

O mundo está a girar
O peito está a arder
Os intestinos a revolucionar

Poema da fome
Tuxitu toso tuâ lenge
Ku muxitu
Tueza mu bata
Para devorar as migalhas
Do bombó e dos grãos escapados

Os corpos cansados
Estão deitados sobre esteiras
Injectados e engendrados
Na roda sólida dos leucócitos
De um poema amarelo

Lassos
Homens e mulheres
Velhos
Os habitats corroídos
Os tectos carecas
As criações ossudas
Com a pele sobre os ossos graníticos
Transcorrendo na luta íngreme
de um povo que reclama
pão, pão, PÃO!!!
E não desiste à sua firmeza

Os rios
Águas salgadas
Algas e serpentes venenosas
O mesmo sangue a escorrer
Pelas margens da vida
E a alimentar
As fibras de superfície da Baixa
As mulheres de pernas entreabertas
Os pequenos lábios ressequidos
De uma fome insaciável de dinheiros-miséria

O amargo destino
De um poema amarelo
Cheio de fome
E com a indelével vontade de crescer

Mulo, 20 de Setembro / 1982

O SOL INGRATO

O sol, o sol do meu quimbo
O meu sol é o mais brilhante
O mais sol de todos os sóis
de todos os mundos
Mas não me ilumina.

O meu sol é o mais quente
O mais energético e não sinto o seu calor
Morro de frio invernal
na minha palhota sem porta
No seu raiar só me deixa
O negro de fumo do candeeiro à gasóleo
a corrente das teias nas paredes.

O meu sol no seu calor
Só me deixa o corpo ensopado
As pernas espostejadas, morto.
O sol do meu quimbo na sua energia
Só me deixa o corpo febril
Os músculos tensos, a mente abalada
A saudade de uma pitada de sal.

O meu sol nasce das minhas mãos
No Oriente do meu quimbo
E põe-se no Ocidente além-mar

O sol ingrato é mais sol onde se põe.

Andrada, Novembro / 1985

ENCONTRO COM A TRISTEZA

Ontem encontrei-me com a Tristeza
Vinha em suas vestes negras
Sentada na tipóia dos inglórios

Trazia na lapela
A insígnia do opróbrio
No sorriso, o transe

Nas pupilas carregava caveiras
Agonizantes, pontiagudas
Como punhais sequiosos

Ontem encontrei-me com a Tristeza
Ia com o rosto no véu da maldade
Pela vil rua da leviandade

Que mal fiz eu para encontrar
Nas lágrimas o meu consolo
Se nem sei de quem é filha
A mulher que Caím conheceu

Não tenho culpa de ser
Será alegre a calma do golfo
Será alegre a noite que tudo enegrece
Será alegre o silêncio das meditações

A tristeza que gera o medo
O medo que gera a morte
A morte que gera o silêncio
O silêncio que gera a tristeza

A tristeza mora na rua dos confins da memória
Onde a escuridão e a fome se emparelham
na roda de uma canção magoada.

A tristeza encontrei-a no campo de batalha
Nos corpos dilacerados da tropa em recuo
no acre sabor do tempo perdido

Anima-te povo rico da terra triste
Vem chegando o dia da alegria comum

Ontem encontrei-me com a Tristeza.

1986

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

